

# Acordo de Roma é vitória de todo o povo moçambicano

— consideram cidadãos contactados pelo nosso Jornal

O Acordo Geral de Paz para Moçambique rubricado em Roma no passado domingo, pelo Presidente da República, Joaquim Chissano, e pelo líder da Renamo, Afonso Dhlakama, é considerado pelos cidadãos inquiridos pelo "Notícias" uma vitória do povo moçambicano que vai permitir a normalização da vida das pessoas e a consolidação da democracia no país. Outros ainda apontam que o acordo não deve figurar apenas nos papéis, porque a paz deve ser efectiva e duradoira.

**PEDRO DJIVE** (trabalhador a conta própria) — Estou bastante emocionado com o acordo agora alcançado, pois significa que os moçambicanos são capazes de se reconciliar e, possivelmente, criar um ambiente favorável à reconstrução do país devastado pela guerra que durou 16 anos. Por outro lado, o fim desta terrível guerra possibilitará,

naturalmente, a milhares de moçambicanos, retornarem às suas terras de origem, onde poderão produzir algo para o seu sustento. Eu pessoalmente já poderei deslocar-me livremente para o meu distrito



Célia Filipe

(Chibuto), onde há cerca de dez anos não piso devido a esta guerra. Alcançado agora o acordo de paz, resta-me apenas solicitar aos dirigentes do Governo e da Renamo que o respeitem rigorosamente de modo a não se repetir aquilo que a nossa memória ainda retém. O homem deve ser responsável por aquilo que assina ou que diz. Digo isso porque a Renamo já se comprometeu várias vezes, mas a prática era outra.

**CÉLIA FILIPE** (secretária da Rádio Televisão Portuguesa, em Maputo) — Eu, como cidadã moçambicana, sinto-me muito feliz e só espero que este acordo seja para sempre e que o seu cumprimento deve ser, em primeiro lugar, das partes que o assinaram e depois de todo o cidadão moçambicano.

**CELESTINO ALBERTO MANGUE** (funcionário do Conselho

**Executivo da Cidade de Maputo)** — O povo moçambicano está de parabéns, pois foi quem saiu vitorioso nesta guerra. Foram longos anos de sofrimento e agora já está em paz. Significa que as pessoas já podem circular à vontade e as famílias a visitarem-se nos diversos locais. Mas é preciso que sejamos vigilantes para que não aconteça o que aconteceu após a assinatura dos Acordos de Lusaka. A nossa frente espera-nos uma grande batalha a ser levado a cabo, portanto, a batalha de reconstrução nacional. Muita coisa foi destruída pela guerra e milhares de pessoas vivem em completa pobreza, quer dentro do país, quer nas nações vizinhas como refugiadas de guerra. O apelo que lanço é que devemos saber perdoarmo-nos uns aos outros para em conjunto vencermos essa batalha.

**MARCOS JUMA** ( Secretário-Geral interino do Partido Democrático de Moçambique — PADEMO) — Para nós do PADEMO o acordo alcançado no domingo em Roma representa uma vitória para o povo moçambicano e também representa o começo de uma nova era de

reconstrução nacional, quer da economia, quer do tecido social. Esta guerra deixou muitas feridas nas pessoas, daí que há necessidade de recuperar socialmente as pessoas traumatizadas. Julgo que este acordo entre os dois beligerantes e irmãos não tem a mesma força como o de NKomati, pois este acordo foi assinado entre dois países que não eram beligerantes, mas que simplesmente um dos países apoiava a desestabilização do outro. Este processo não é fácil e vai obrigar



Marcos Juma

aos moçambicanos para o maior sacrifício, porque muitos que estão do outro lado terão que regressar. Sendo assim, julgo que o povo moçambicano terá que saber o que é a reconciliação e saber também o que é perdoar. É certo que vai custar para aqueles que perderam os seus familiares devido à guerra, mas temos que os perdoar. Se nós quisemos a verdadeira paz temos que esquecer o passado, pois, se guardarmos o rancor um do outro, será difícil a paz. É certo que os dirigentes do Governo e da Renamo assinaram o Acordo Geral de Paz para Moçambique, mas o seu cumprimento não depende só deles, mas do próprio povo, pois é o povo que mais sofreu desta guerra.



Pedro Djive



Celestino Mangué